

UMA COISA NA ORDEM DAS COISAS

ESTUDOS PARA OFÉLIA PAIVA MONTEIRO

CARLOS REIS
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
MARIA HELENA SANTANA

COORD.

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS



Maria Manuela Gouveia Delille

Universidade de Coimbra

**SOBRE A QUESTÃO FEMININA
E A FIGURA DE MADAME DE STAËL:
DUAS CARTAS INÉDITAS DE CLÁUDIA DE CAMPOS
PARA CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS**

No epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcelos existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra encontram-se duas cartas inéditas (*Apêndice*, pp. 447-454 e 457-468) que a escritora Cláudia de Campos (1859–1916)¹ dirigiu no Verão de 1901 à então já famosa erudita luso-alemã: uma de 21 de Agosto, na qual envia a Carolina Michaëlis os dados biobibliográficos por esta solicitados, e outra de 19 de Setembro, incidindo sobre o livro *A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella* (Campos, 1901), que nesse mesmo ano publicara como réplica polémica aos dois capítulos em que a conhecida escritora Maria Amália Vaz de Car-

¹ Nascida em 1859, em Sines, de uma família abastada, em jovem frequentou o colégio de Mrs. Kutle na Rua do Alecrim em Lisboa, cidade onde fica a viver depois do casamento, aos 16 anos, com Joaquim d'Ornelas e Matos. Tendo iniciado a sua carreira literária com o livro de pequenos contos *Rindo* (1892), distinguiu-se na época como autora de estudos críticos (*Mulheres. Ensaios de Psychologia Feminina*, 1895, *Soror Marianna Alcoforado*, 1896, *A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella*, 1901) e de romances (*Ultimo Amor*, 1894, *Espbinge*, 1897, *Elle*, 1899), ao mesmo tempo que colaborava, por vezes sob os pseudónimos de Carmen Silva e Colette, em publicações periódicas lisboetas. Em 1906 fez parte da direcção da Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz e em finais desse mesmo ano foi eleita vogal do Comité Português da agremiação francesa La Paix et le Désarmement par les Femmes.

Sobre a vida e a obra de Cláudia de Campos, alguns dos principais dados biográficos constam da carta da própria a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de 21 de Agosto de 1901, que reproduzo no *Apêndice*; para além de breves resenhas biobibliográficas *online* (<<http://www.alentejolitoral.pt/PortaRegional/PersonalidadesRegionais>>, <<http://7www.sines.PT/concelho/personalidades>>, <<http://7www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugueses/autores>>), *vd.* também – com a ressalva de, em todos eles, por evidente lapso, se indicar como data de nascimento o ano de 1871 e se referir ter sido a escritora educada em Inglaterra – os respectivos verbetes dos seguintes Dicionários: *Dicionário de Mulheres Célebres* (Oliveira, 1981: 193), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (1994, III: 103) e *Dicionário no Feminino: Séculos XIX e XX* (Esteves, 2005: 220-221).

valho (1847–1921), no primeiro volume da sua obra *Vida do Duque de Palmella D. Pedro de Souza e Holstein* (Carvalho, 1898: 94–160), havia tratado os fugazes amores entre Madame de Staël e D. Pedro de Sousa, futuro Duque de Palmela.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos preparava naquela altura – a convite da sua velha amiga Helene Lange, uma das principais dirigentes do movimento feminista burguês alemão² – um estudo sobre a história do movimento feminista na Espanha e em Portugal, que viria a ser publicado, com data de 1901, na Primeira Parte do *Handbuch der Frauenbewegung* [Manual do Movimento Feminista], editado por Helene Lange em colaboração com Gertrud Bäumer (Vasconcelos, 1901: 424–455).³ Com a finalidade de recolher dados para esse estudo escreve D. Carolina a várias escritoras portuguesas empenhadas na causa feminina e/ou que tivessem já publicado obra de relevo na época sobre a matéria, solicitando informações sobre a respectiva vida e obra literária.⁴ Na carta de 21 de Agosto de 1901, Cláudia de Campos, depois de enumerar os livros que até àquela data havia escrito e publicado, passa a expor os seus principais dados biográficos, entre os quais destaca o contacto livre com a natureza em Sines, sua terra natal – onde passou uma infância e adolescência privilegiadas pela educação inglesa que recebeu do pai e as leituras dominantes que na altura fez dos grandes autores de língua inglesa (poetas líricos, romancistas, dramaturgos e ensaístas, de Shakespeare a Carlyle) –, e o corte abrupto com o mundo tranquilo da adolescência em consequência do casamento aos dezasseis anos de idade, o que determina a entrada em Lisboa numa vida social mundana que a princípio

² No que concerne às relações de Carolina Michaëlis de Vasconcelos com Helene Lange, que datam dos anos da juventude em Berlim e se mantiveram pela vida fora, *vd.* Delille, 1985: 240-245.

³ Desse estudo foi publicada no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro* (n.ºs 215, 216, 217, 218, 219, 221, respectivamente de 11, 12, 13, 14, 16 e 18 de Setembro de 1902), sob o título «O movimento feminista em Portugal», uma versão portuguesa, ligeiramente aumentada, da autoria de Duarte Leite, na altura professor da Academia Politécnica do Porto; em 2002, Luís Carlos Patraquim recolhe e edita numa brochura, sob o mesmo título, a versão de Duarte Leite, que passo a utilizar nas citações.

⁴ Numa carta inédita a Luise Ey, datada de 24 de Julho de 1899 (pertencente ao espólio de Luise Ey na posse de Fátima Figueiredo Brauer), Carolina Michaëlis informa ter enviado, entre outras obras, ao filho Carlos, que nessa altura a estudar engenharia em Berlim reclamava livros e revistas portuguesas, o volume de contos *Rindo* de Cláudia de Campos, com o pedido de este após leitura fazer seguir tudo para Luise Ey, a quem habitualmente Carolina fornecia as últimas produções literárias nacionais; a caracterização muito breve dessa colectânea que consta da referida carta – «lissab. Novelletten, die nach meinem Geschmack zu wenig portug. u. zu stark kosmopolitisch sind» [contos lisboetas que para meu gosto são demasiado pouco portugueses e em demasia cosmopolitas] – comprova a leitura e informação actualizada que a erudita mantinha das novidades literárias portuguesas.

a deslumbrou, mas da qual cedo se vem a desiludir, refugiando-se de novo nos prazeres intelectuais e iniciando, a partir de 1892, a carreira literária para que se sentia vocacionada. Após referir, ainda na mesma carta, o problema que mais a preocupava, designadamente, o da «situação da mulher perante a sociedade e perante a lei e o conflicto dos sexos», acentua a absoluta necessidade de emancipação da mulher, particularmente da mulher portuguesa, mas não deixa de confessar que lhe desagrada «o feminismo militante e palavroso» e que, para o bom êxito da desejada evolução, considera valerem mais «os exemplos do que as phrases, a propria conducta do que a exposição de doutrinas».⁵

Não obstante os esforços envidados, não me foi possível ainda obter a carta-resposta ou outra qualquer carta de Carolina Michaëlis para Cláudia de Campos. Depreende-se do teor da segunda carta de Cláudia de Campos, de 19 de Setembro de 1901, que D. Carolina terá comunicado à autora as impressões que lhe deixou a leitura da obra desta sobre a baronesa de Staël e o duque de Palmela, e que, conforme aliás era seu uso na crítica de produções literárias dos contemporâneos, não se coibiu de apontar, juntamente com os devidos louvores, os aspectos que lhe pareceram menos conseguidos, particularmente alguns traços que julgou serem demasiado negativos ou incompletos no perfil traçado da célebre escritora francesa. Procurando defender-se, Cláudia de Campos esforça-se em primeiro lugar por acentuar, na supracitada carta, o carácter polémico de que se reveste o seu livro, com o qual pretendeu «desfazer uma a uma todas as inconcebíveis phantasias com as quaes a Snr^a D. Maria Amalia lhe aprouve compôr da sua cabeça o episodio de Madame de Staël e do nosso duque, e que tão applaudidas foram pela sua “côterie”». Visou essencialmente desmistificar a imagem staëliana apresentada na obra de Maria Amália Vaz de Carvalho, contrapondo-lhe a individualidade de Staël como mulher que ela própria, Cláudia de Campos, construiu a partir de diversos documentos e que considerava «verdadeira». Magoada com a hostilidade que Maria Amália manifestara a seu respeito desde que havia iniciado a carreira literária, chega até a dizer que «a baroneza foi somente o pretexto para [...] esgrimir em publico com quem desejava esgrimir». Em resposta às objecções de Carolina Michaëlis quanto à ausência da devida

⁵ Nestas como em todas as outras citações de textos inéditos, optei por uma transcrição diplomática.

menção à obra literária da escritora francesa, Cláudia de Campos alega que não pretendeu escrever um estudo literário, por isso não achou oportuno tratar de Madame de Staël escritora, cuja obra aliás declara ter lido de forma exaustiva e admirar «em toda a sua vasta e complexa intelligencia». Invocando um ensaio seu anterior, no qual já procurara descrever a psique staëliana,⁶ caracteriza a Madame de Staël mulher como «antipathica», «anti-feminina, e de costumes mais do que equívocos», declarando não haver inteligência que a possa absolver. Insurge-se especialmente contra o facto de Maria Amália Vaz de Carvalho, na sua obra, classificar de «grande honra» para um homem superior como o jovem Pedro de Sousa⁷ a entrada naquilo a que Cláudia de Campos chama «a lamentavel promiscuidade dos amores de M.me de Staël». Tal como no escrito anterior, Cláudia de Campos julga de um ponto de vista estritamente moral os actos e costumes de Madame de Staël de que tem conhecimento, as suas sucessivas e/ou simultâneas paixões, sem a empatia e a tolerância de Maria Amália Vaz de Carvalho e sem as «benevolencias» aconselhadas por D. Carolina, *i. e.*, sem tomar em consideração a natureza genial da baronesa, a sua ideologia, os hábitos e costumes vigentes ou tolerados no meio aristocrático francês da época, muito especialmente no círculo sociocultural, artístico e político em que aquela escritora se movia.⁸

⁶ Refere-se ao ensaio sobre a condessa de La Fayette e a baronesa de Staël pertencente à obra *Mulheres. Ensaios de Psychologia Feminina* (Campos, 1895). Nele contrapõe Cláudia de Campos o «carácter viril, apaixonado e impetuoso» (*ibidem*, 222) de Madame de Staël ao equilíbrio moral demonstrado, tanto na vida como na obra, pela condessa de La Fayette, que a seu ver possuía, requintados e aperfeiçoados, todos os atributos do sexo feminino (*ibidem*, 247).

⁷ A forma como Maria Amália Vaz de Carvalho valoriza os amores entre Mme de Staël e D. Pedro de Sousa, no capítulo «A Itália – Madame de Staël» da supracitada obra, tinha inevitavelmente de provocar a discordância de Cláudia de Campos. Na verdade, embora Maria Amália frise por várias vezes (*e.g.*: Carvalho, I, 1898: 143) que a baronesa, qual força da natureza, era o elemento mais apaixonado, ao passo que o jovem aristocrata português oscilava entre a rebeldia e a submissão, entre o desnorreamento e a lucidez (*ibidem*, 100 e 105), não deixa também de observar que este episódio amoroso «foi para D. Pedro uma deliciosa experiencia sentimental, das que constituem a felicidade mais rara de um homem superior [...]» (*ibidem*, 157) e nas páginas finais do capítulo seguinte, «De Roma até Lisboa», após declarar que Madame de Staël no seu amor por D. Pedro lhe prestou uma homenagem que o assinalou aos olhos da posteridade, chega a afirmar que: «Se do Duque de Palmella nada mais soubessemos alem do entusiasmo que elle inspirou á maior das escriptoras do mundo [...] isto era sufficiente para que o collocassem na altura que por tantos outros titulos lhe pertence.» (*ibidem*, 159) e justifica o desenvolvimento dado na sua biografia do Duque de Palmella a «este brilhante e caracteristico episodio da sua mocidade fecunda em promessas» por lhe ter parecido «que nenhum podia ser mais eloquente como revelação do valor que elle então já tinha para todos os olhos que sabiam ver.» (*ibidem*, 159).

⁸ Sobre a personalidade e a vida de Madame de Staël, leia-se a pertinente análise de Maria de Fátima Bonifácio (2006: 125-146).

Importante me parece também notar que tanto Cláudia de Campos como Maria Amália Vaz de Carvalho, nos respectivos discursos sobre Madame de Staël, seguem a doutrina de diferenciação sexual hegemónica na época, aplicando nos juízos que sobre a baronesa proferem as tradicionais dicotomias características da oposição masculino/feminino, respectivamente: força/fragilidade ou fraqueza, razão/coração, intelecto/sentimento, espaço público/espaço privado. No entanto, se bem que ambas partam dum paradigma comum, ou seja, se bem que ambas as escritoras aceitem e encareçam os papéis de esposa/dona de casa e mãe/educadora que a sociedade do tempo atribuía à mulher, no que toca à caracterização de Madame de Staël são por elas assumidas posições muito diferentes, se não diametralmente opostas. Maria Amália Vaz de Carvalho não se cansa de reiterar, nos mais encomiásticos termos, a simpatia e admiração que sente pelas excepcionais qualidades intelectuais, pelo génio brilhante de que Madame de Staël dá provas na sua conversação e nos seus escritos, e defende-a veementemente dos que lhe negam qualidades femininas:

A verdade é que poucas foram tão profundamente *mulheres* como esta mulher, que tinha o genio imperioso e dominador de um homem...

O que ella mais que tudo quizera ter não era o talento que assombra... e que afugenta. Era a belleza ideal que subjuga, enternece e prende os corações.

Não era de admiração que ella tinha a sêde atormentadora e inextinguivel; era de ternura, era de affecto [...]

Não; a pobre Germaine de Staël não era tal o monstro anti-feminino, monstro de talento viril, e de viril orgulho indomito, que a inveja dos homens tem pintado.

Era uma mulher como todas, tendo a mais do que todas o genio, e a menos do que muitas a belleza. (Carvalho, I, 1898: 96)

E nas linhas iniciais do comentário que se segue à transcrição das cartas de Madame de Staël a D. Pedro de Sousa, num dos Apêndices ao volume I da sua obra, volta a sublinhar o carácter bem feminino da escritora francesa:

Que pena faltar a continuação d'estas cartas tão interessantes, tão vivas, de uma desordem tão eloquente, em que surprehendemos por assim dizer uma Madame de Staël que só os intimos conheceram, na qual nada resta das pompas e das

pregas theatraes do manto de Corinna, uma Madame de Staël *bem mulber*, bem garrida e apaixonada, e importuna na sua paixão, e humilde na sua supplica! (Carvalho, I, 1898: 497)

Não assim Cláudia de Campos que, sem deixar de reconhecer o talento superior e o grande prestígio da baronesa de Staël, já no ensaio de 1895 a classificara como ser predominantemente masculino:

Se eu pudesse tornar-me homem!... tal foi, me parece, um dos seus gritos mais espontaneos e uma das suas mais secretas ambições. As saias [...] deviam ter sido o grande obstaculo de uma creatura tão viril, com todas as virtudes e defeitos do sexo forte, e bem poucos attributos do sexo a que, infelizmente para ella, pertencia. O seu character expansivo e leal era refractario a todos os artificios e a todas as subtilezas da *coquetterie*, é certo; mas é tambem certo que era um character masculino de mais, mostrando sem reserva nem pudor, tanto os seus erros como as suas qualidades. (Campos, 1895: 230-231)

Além disso, no livro polémico em que rebate uma por uma as apreciações de Maria Amália Vaz de Carvalho – esforçando-se, por exemplo, por desmistificar a tão louvada ‘sinceridade’ staëliana, através da transcrição de cartas da baronesa ao poeta italiano Monti que igualavam no tom apaixonado as enviadas, no mesmo período, ao jovem D. Pedro (Campos, 1901: 188-201) –, resume, em termos coincidentes com os da carta acima citada, o perfil da baronesa que procurou traçar:

[...] esse perfil é dominador, é viril, é masculino. O que ele nos representa, com a implacavel logica das illações tiradas, não é uma Staël graciosa e feminina, *mais mulber* que as outras mulheres, sonhadora e enamorada, sincera e exclusiva, capaz de tudo sacrificar a um affecto; é um ser hybrido, uma Staël-homem, desprovida das irresistiveis graças do seu sexo, invertendo a cada passo os papeis da natureza, voluvel, contradictoria e falsa, subordinando os seus amores aos seus interesses e ás suas ambições. (Campos, 1901: 107)

E Carolina Michaëlis de Vasconcelos? Qual a sua posição perante a polémica, de que teve conhecimento, entre duas mulheres de letras portuguesas sobre a famosa Madame de Staël e o breve idílio amoroso desta com D. Pedro de Sousa?

Na ausência de qualquer carta dirigida por Carolina Michaëlis a Cláudia de Campos e sem ter conhecimento de nenhum escrito michaeliano em que se trate da autora francesa, só me é possível comentar as opiniões de D. Carolina que se deduzem das críticas mencionadas por Cláudia de Campos na sua carta de 19 de Setembro de 1901 e as referências que a erudita luso-alemã faz às duas escritoras portuguesas no estudo sobre a educação da mulher em Portugal e na Espanha.

Da carta se infere que Carolina Michaëlis considerou o retrato traçado por Cláudia de Campos incompleto, desequilibrado e injusto por lhe parecer que foi dado excessivo realce aos «grandes defeitos» da baronesa e não foram postas suficientemente em relevo as suas «grandes qualidades», não sendo assim devidamente evidenciado o seu reconhecido mérito literário. A este propósito terá citado os elogios de Sainte-Beuve a Madame de Staël e o perfil staëliano muito positivo desenhado por uma compatriota sua, Charlotte Lady Blennerhassett, na extensa obra em três volumes *Frau von Staël, ihre Freunde und ihre Bedeutung in Politik und Literatur* (1887-1889), traduzida imediatamente para inglês (1889) e no ano seguinte para francês.⁹ Por último, com a sua proverbial indulgência, provavelmente não isenta de ironia, D. Carolina terá aconselhado a escritora siniense a ser benevolente e «mais caritativa».

No entanto, se a estas observações aduzirmos a apreciação que Carolina Michaëlis faz das duas mulheres de letras no estudo publicado em 1901 no *Handbuch der Frauenbewegung* e traduzido por Duarte Leite nas páginas de *O Primeiro de Janeiro* no ano seguinte, o fiel da balança fica a pender muito favoravelmente para o lado de Cláudia de Campos.

⁹ Charlotte Lady Blennerhassett, condessa de Leyden pelo nascimento (1843-1917), distinguiu-se, no meio literário alemão, a partir dos anos 80 do século XIX, como historiadora e publicista, tendo colaborado, com numerosos ensaios histórico-culturais e políticos, em importantes revistas literárias da época. Cláudia de Campos demonstra ter conhecido bem a obra daquela escritora sobre a baronesa de Staël e, em resposta aos reparos de Carolina Michaëlis, atribui o carácter altamente elogioso, quase hínico, do perfil staëliano nela traçado ao facto de Lady Blennerhassett só tratar Madame de Staël como mulher de letras e sobretudo como autora da obra *De l'Allemagne*, tão gratificante para a nação germânica, e sugere ser também sob a influência desse sentimento de simpatia e gratidão que Carolina de Michaëlis, como alemã, aprecia tão positivamente a escritora francesa.

A respeito de Maria Amália Vaz de Carvalho, além de nomear como a mais notável das suas investigações críticas e históricas a obra supracitada *Vida do Duque de Palmella*, D. Carolina refere aqueles livros – *Cartas a Luísa*, *Cartas a uma Noiva*, *Mulheres e Crianças* – em que Maria Amália tratou especialmente dos problemas relacionados com a educação das crianças e a condição da mulher. Declara, porém, que mais se lhe deve pelo exemplo de esposa dedicada, mãe e educadora de dois filhos e trabalhadora aplicada, vivendo da sua pena, do que pela doutrinação de carácter tradicional expendida nessas obras. Na verdade, a autora, guiada pelo ideal de domesticidade também defendido, para as mulheres, pelos representantes da Geração de 70,¹⁰ limita-se, nas palavras de Carolina Michaëlis, a «formular e aconselhar uma educação mais racional das raparigas portuguesas, higiene física e moral, e preceitos e regras para desempenho das tarefas domésticas que naturalmente lhes terão de ser confiadas.» (Vasconcelos, 2002: 50)

Logo a seguir, Cláudia de Campos é apresentada como um exemplo de «oposição franca a este processo de tornear as dificuldades dos problemas», declarando D. Carolina que o contraste entre as duas escritoras é bem sensível não só na obra polémica de Cláudia de Campos *A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella*, «em que as relações dos dois personagens são diversa e mais justamente apreciadas que por Maria Amália Vaz de Carvalho» (*ibidem*, 55), mas também nos estudos críticos, novelas e romances da mesma autora, nos quais esta submete a alma feminina e a relação entre os dois sexos a uma penetrante análise. Demorando-se a expor os principais dados biográficos da escritora de Sines, Carolina Michaëlis louva-lhe a educação inglesa e as leituras germânicas, que a seu ver lhe conferiram singular vigor de entendimento, compreensão profunda do idealismo alemão e uma independência e liberdade em matéria religiosa pouco vulgar nos países meridionais, e acaba por citar largamente toda a parte final da carta que lhe fora enviada a 21 de Agosto, na qual Cláudia de Campos, embora reconhecendo como absolutamente necessária a emancipação da mulher portuguesa, se mostra avessa à propaganda activa das ideias feministas e

¹⁰ Sobre o posicionamento conservador de Maria Amália Vaz de Carvalho, em inteira sintonia com o discurso da elite masculina do tempo, leiam-se, na obra de Ana Maria Costa Lopes, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de Modernidade*, os subcapítulos «Maria Amália Vaz de Carvalho: escola de mulheres, discípulas de homens», «A educação para o casamento ou a retórica da subordinação» e «Maria Amália, uma figura problemática» (Lopes, 2005: 572-582).

confessa ter optado nos seus livros por tentar entender e resolver os enigmas e contrariedades da natureza feminina. Embora compreenda esta opção, D. Carolina espera que a autora modifique as suas convicções e a sua actividade numa fase mais avançada e mais madura da sua carreira literária, «quando de novo volver os olhos da literatura para a vida real, da dama para a mulher – quando enfim lhe for presente, na plenitude do seu valor, a indefessa e efficacíssima actividade das mulheres na Inglaterra, América, Alemanha, França e Itália, e ainda em nações de menor categoria» (*ibidem*, 57-58).¹¹

Dou aqui por concluídas estas breves páginas em que procurei contextualizar duas curiosas cartas inéditas de Cláudia de Campos, cuja publicação me pareceu oportuna, não só por representarem um testemunho desconhecido da recepção de Madame de Staël em Portugal, mas também porque vêm trazer novos dados para o estudo da vida e da obra de uma escritora portuguesa hoje quase esquecida.

* Por vontade da autora, o presente texto não segue as normas do novo Acordo Ortográfico.

¹¹ Na referência à actividade das mulheres de outros países – «a indefessa e efficacíssima actividade das mulheres na Inglaterra, América, Alemanha, França e Itália, e ainda em nações de menor categoria» –, no texto original alemão lê-se apenas: «die grossartige soziale Thätigkeit der englischen und amerikanischen Frauen» [a magnífica actividade social das mulheres inglesas e americanas] (Vasconcelos, 1901: 438). Julgo muito difícil determinar se esta e outras alterações notadas na comparação do texto português publicado no *Primeiro de Janeiro* com o original alemão são da exclusiva responsabilidade do tradutor ou se devem a uma intervenção de Carolina Michaëlis.

BIBLIOGRAFIA

- BONIFÁCIO, Maria de Fátima (2006), «Posfácio», in: *Correspondência. Madame de Staël. Dom Pedro de Souza*. Recolha, introdução, comentário e notas de Béatrix d'Andlau, Lisboa, Quetzal Editores, pp. 117-183;
- CAMPOS, Cláudia de (1895), *Mulheres. Ensaios de Psychologia Feminina*, Lisboa, M. Gomes, Editor;
- ___ (1901), *A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella*, Lisboa, Tavares Cardoso e Irmão;
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de (1898), *Vida do Duque de Palmella D. Pedro de Souza e Holstein*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional;
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (1985), «Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) – Uma alemã, mulher e erudita, em Portugal», in: *Biblos. Revista da Faculdade de Letras*, LXI, pp. 217-248;
- Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, vol. III (1994), org. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, coord. Eugénio Lisboa, Mem Martins, Publicações Europa-América;
- ESTEVES, João (2005), «Cláudia de Campos», in: Zília Osório de Castro e João Esteves (dir.), António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone (coord.), *Dicionário no Feminino (Séculos XIX e XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 220-221;
- LOPES, Ana Maria Costa (2005), *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de Modernidade*, Lisboa, Quimera Editores;
- Memórias do Duque de Palmela* (2012). Transcrição, prefácio e edição de Maria de Fátima Bonifácio, Lisboa, D. Quixote;
- OLIVEIRA, Américo Lopes de (1981), *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello e Irmão Editores;
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1901), «Die Frauenbewegung in Spanien und Portugal», in: Helene Lange und Gertrud Bäumer (Hrsg.): *Handbuch der Frauenbewegung*, I. Teil, *Die Geschichte der Frauenbewegung in den Kulturländern*, Berlin, W. Moser Buchhandlung, pp. 424-455;
- ___ (1902), *O Movimento Feminista em Portugal*, in: *O Primeiro de Janeiro*, n.ºs 215, 216, 217, 218, 220, 221, respectivamente de 11, 12, 13, 14, 16 e 18 de Setembro.
- ___ (2002), *O Movimento Feminista em Portugal*. Organização, prefácio e notas de Luís Carlos Patraquim, Editorial Seis-Filetes (Fradique), Paio Pires.

APÊNDICE*

1 – Carta, de 21 de Agosto de 1901, Lisboa, de Cláudia de Campos a Carolina Michaëlis de Vasconcelos (BGUC, Ms. CMV 1/201).

CLAUDIA DE CAMPOS
Ms. CMV 1
201

Caro Sr.
 Pedro me V. lê na sua carta alguma
 informações sobre a minha vida, sobre
 estado de meus trabalhos literarios e
 sobre as condições que professo. Vou
 pois, da melhor vontade, satisfazer as suas
 perguntas pedidas.
 Os livros por mim escritos e publicados
 até hoje são os seguintes: Primo, - collecção
 de emp. - 1892; Ultimo Amm, (capotado)
 - romance - 1894; Mulheres, - ensain criticas -
 1895; Expelling - romance - 1894; Teile, -
 romance - 1899; Baronesa de Vail e Duque
de Palmella, - estudo critico - 1901. Em
 varios artigos meus, citam um trabalho
 sobre Som Mariaanna el Cotruad, ensain de
 que se recebem o scripto inlyez. Vou

*Agradeço ao Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Professor Doutor José Augusto Cardoso Bernardes, a autorização concedida para reproduzir as duas cartas inéditas de Cláudia de Campos a Carolina Michaëlis de Vasconcelos que pertencem ao epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcelos existente naquela Biblioteca.

Préface, dedicando-me a segunda
edição das cartas de Shakespeare, por elle
revisadas em inglez. A primeira edição foi
dedicada a Oliveira Martins. Já prompta
a imprimir, surge uma monographia de
Shelley - primeiro volume de uma serie de
curiosas sobre litteratura ingleza, que levei-me
a escrever.

Tam abençoadas quanto passiva e explicitas, talvez
fatigantes, como a V. Rev. um numero do
Revista Brasileira, onde o Sr. Garcia Rodrigues
meu antigo que me deu a primeira edição, faz uma apre-
ciação de minha obra até 1899. Nesse artigo
encontrarei V. Rev. a synthese dos meus trabalhos
e com ella creio em alguns do subido que tem
o meu biographia, pelo meu interesse e
meu em desaj. Jornal - a interessante. Este
não a duob principais, aquelles que me parecem

que me fez mais feliz do que a
V. Mãe e o pai.
Fui um bom filho. Nunca me esqueci de meu
médico dispendioso e ilustrado. Receguei uma educação
assaz esmerada e proveitosa, nessa época, em
raparezas portuguezas da provincia. Tinha um pen-
dencia, de curso, de artes e de humanidades. Meu pai
Chicória - se Francisco Antonio de Campos, era
um rico proprietario, pertencente a um das
principaes familias de Portugal. Fez estudos
brilhantes num bom collegio de Lisboa, dedicando-
se a se occupar ao commercio. Viajava
muito, falava perpetuamente e residia em
um verdadeiro amor as letras, que cultiva
nas suas viagens, e professava um curso fructuoso
pelos seus talentos e intelligencia. Considero na
mãe inspirada e de todo mundo novo com
ingleses, estando por varias vezes em Inglaterra,
conhecendo a fundo a lingua, a historia e a
litteratura desse pais, meu pai Ramon de

ingles pelos hábitos, pelo carácter, pelos res-
simentos, por mil affinidades, enfim. Foi com
cada a sua graça e segundo os seus principios.
Aprendi as linguas estrangeiras, sobretudo a
ingles, desde que aprendi a falar. Toda a infan-
cia e toda a adolescencia desfrutava em se me-
lhorar, em um mundo de familias inglesas e em se
amizades inglesas. Tive, com estas amigas, e muitas
outras, muitas vezes de deturção, cultivos intelle-
tuales de fizes exercicio physico, em se as ro-
chas e as escuras de Limer, isolado do resto
do mundo, no tempo, para conhecer o, as janellas
inglesas, sobretudo. De quando a grande, a
suprema impressão - para mim e para as mi-
nhas companheiras - era a leitura e commu-
nicar e discutir as impressões por esse methodo.
Foi para cessar. Por esse processo, em esse anno
zatin de Sir Shakespeare, Warton, Byron,
Shelley, Moore, etc.; Sir Brent, Elliot, Burke.

Edgeworth, Gaskell, Browning, e muitos
outros. Lembra-se que, quando se trata
de fraudes prozadner ingleses, deve
distinguir-se Thackeray de Macaulay e
Carlyle. Não sabia, porém, que se trata
das cartas postumozas para as quaes
nunca me chamaria a attenção. São
frases as influencias de educação e de
meio que moldaram o meu ser e que
mais predominantemente me moldaram.
Elas explicam muito pouco do meu caracter,
muito pouco do meu modo de ver. Como explico
também muitas paginas dos meus livros e as
principaes tendências do meu espirito.
Casei aos dezesseis annos, e o meu casamento
meo fez com que tivesse a adquirir e desfrutar
muito pouco de meus pais, em de-
feito ao meu futuro. Foi de subito
obrigado a entrar na sociedade, a passar



sem nenhuma transição, por um
meio completamente oposto a quello
que até ali me cercava. E mudaram-se
demasiado bruga, não estava mais em
preparação. Passado o primeiro turbulenta-
mento das festas, o apparatuso meu
mundano, a alguma distancia, procurava
de novo o vazio. Comentações inferias,
e volvas de illudido, ao antigo zombro,
ao antigo modo de ser. Teu, e mais,
festa primeira vez, com clausa a inatividade
do goro facis do not vulpa e gilauro llez rati
superior do goro superior da intelligencia, as
cousas do mundo meu. Esta festa mais
definitivamente a menção do meu espirito,
adabo de formar o meu caracter e decidin
de minha carreira futura. Deu-me de 1890
o meu primeiro herif. In aprezentavei.
Nem um appovei anterior. Esta data, e com

Uma criança nasce o habitos de sempre seguir
na historia e de manter um pouco mais de
deixar a criança a muitas impressões e analizando
quanto ir e quanto me esquecer.
O problema que mais me tem preocupado - in-
teressando-me em aliar, por todo o grande problema
que depara a humanidade - é o problema da
educação da mulher perante a sociedade e perante
a lei e o cumprimento dos seus deveres. E a mulher precisa emanci-
cipar-se de tudo que a humilha de tudo que a
não deixa separar, que não individualiza, que
amputa e lhe tira a liberdade e a participação
a que todo o ser humano tem direito. E para
conseguir isso não me parece de muito
bem fazer e de serem eficazes as medidas
apresentadas e tomadas. Considero o ensino,
leis bem entendidas, a ser disciplina moral,
muito bem para a mulher e o caminho mais
seguro para a sua completa emancipação. E
ignora a privacidade a vizinhança, e a de-
reita a percepção errada que ella affirmam
que o reino maior que affligem o nosso povo

Quem não se dá por não saber libertar - e o nome
meo responde e não apouca e ainda não refracta
rio a qualquer injeção, promissa, meze ou
lado! - nenhum resultado serio tera, quer
que expoz isolado ou parvidade do feminismo
naes, no mundo, abito, directamente e ef-
fectas. Logo meus enredo a propaganda
activa de certas ideas avancadas, por julgar e creem
praveis no meu pais, e por me um traçado
de principio, o feminismo militante e palavro.
Para o bem e para o mal, que, em certa
parte fazer-se, e um periodo mais ou menos
valer mais ou menos do que as phrases, e pro-
prio conduta do que a exposição de imprensa.

Se V. Ex. entender não creem ainda sufficienter
em explicação, sempre sempre ao seu dispor e em
lado o que responderi a quanto lhe seja necessario
saber.

Atte. V. Ex. o meu cumprimento e o
respeito de minha muito consideração e m. a. a. a. a. a.
Cláudio de Campos
Casa de V. Ex. - Avenida da Liberdade - 212 - 2/9/1902



Transcrição:

Ex^{ma} Snr^a

Pede-me V. Ex^a na sua carta algumas informações sobre a minha vida, sobre a indole dos meus trabalhos litterarios e sobre as doutrinas que professo. Venho, pois, da melhor vontade, satisfazer o seu attencioso pedido.

Os livros por mim escriptos e publicados até hoje são os seguintes: Rindo, – coleção de contos – 1892; Ultimo Amor (esgotado) – romance – 1894; Mulheres, – ensaios criticos – 1895; Esphinge – romance – 1897; Elle, – romance – 1899; A baroneza de Staël e o Duque de Palmella, – estudo critico – 1901. Entre varios artigos meus, citarei um ensaio sobre Soror Marianna Alcoforado, ensaio de que se occupou o escriptor inglez Edgar Prestage, dedicando-me a segunda edição das cartas dessa freira celebre, por elle vertidas em inglez. A primeira edição fora dedicada a Oliveira Martins. Já prompta a imprimir, tenho uma monographia de Shelley – primeiro volume de uma serie de ensaios sobre litteratura ingleza, que tenciono escrever.

Para abreviar quanto possivel explicações, talvez fatigantes, envio a V. Ex^a um numero da Revista Brasileira, onde o Dr. Garcia Redondo, n'um artigo que me dedicou, faz uma apreciação da minha obra, até 1899. Nesse artigo encontrará V. Ex^a a synthese dos meus trabalhos e com ella, creio eu, alguns dos subsidios que deseja. A minha biographia tem pouco interesse e nem eu desejo tornal-a mais interessante. Ahi vão os dados principaes, aquelles que me parece poderem ser mais prestaveis ao fim a que V. Ex^a os destina.

Nasci em Sines. Minha mãe era filha de um medico distincto e illustrado. Recebera uma educação assaz esmerada e pouco vulgar, nessa epoca, em raparigas portuguezas da provincia. Sabia musica, dança, desenho, francez e italiano. Meu pai chamava-se Francisco Antonio de Campos, era um rico proprietario pertencente a uma das principaes familias da localidade. Fez estudos brilhantes n'um bom collegio de Lisboa, dedicando-se em seguida ao commercio. Viajava muito, falava perfeitamente tres idiomas, possuia um verdadeiro amor às letras, que cultivava nas horas vagas, e professava um culto fervoroso pelas cousas da intelligencia. Convivendo na maior intimidade e desde muito novo com inglezes, estando por varias vezes em Inglaterra, conhecendo a fundo a lingua, a historia e a litteratura desse paiz, meu pai tornou-se inglez pelos habitos, pelo caracter, pelos sentimentos, por mil affinidades, emfim. Fui educada a seu gosto e segundo os seus principios. Aprendi as linguas estrangeiras, sobre tudo o inglez, desde que aprendi a falar. Toda a infancia e toda a adolescencia deslizaram entre mestras inglezas, no convivio de familias inglezas e entre amigas inglezas. Levei, com essas amigas e minhas duas irmãs, uma vida de delicioso cultivo intellectual e de fortes exercicios physicos entre as rochas e as charnecas de Sines, isolada do resto do mundo, só lendo, para conhecel-o, os jornaes inglezes illustrados. De creança, a grande, a suprema distracção – para mim e para as minhas companheiras – era a leitura e o comunicar e discutir as impressões por ella recebidas. Lia sem cessar. Por este processo, aos doze annos, sabia de cór Shakespeare, Wordsworth, Byron, Shelley, Moore, etc; lêra Brontë, Eliot, Austen, Edgeworth, Gaskell, Browning, e muitas outras. Conhecia quasi todas as obras dos grandes prosadores inglezes, desde Dickens e Thackeray até Macaulay e Carlyle. Não sabia, porem, quasi nada, das letras portuguezas, para as quaes ninguem me chamára a attenção. Taes foram as influencias de educação e de meio que rodearam o meu berço e que maior dominio em mim tiveram. Ellas explicam muitos traços do meu caracter, muitos actos da minha vida, como explicam muitas paginas dos meus livros e as principaes tendencias do meu espirito.

Casei aos deseseis annos, e o meu casamento veio quebrar os habitos adquiridos e desfazer muitos projectos de meus pais, em respeito ao meu futuro. Fui de subito obrigada a entrar na sociedade, a passar, sem nenhuma transicção, para um meio completamente opposto aquelle que até ali me cercára. A mudança foi demasiado brusca, não estava para ella preparada. Passado o primeiro deslumbramento das festas, do apparatuso viver mundano, a alma, descontente, procurava de novo o socego, a concentração interior, e voltava, desilludida, aos antigos sonhos, aos antigos modos de ser. Senti, então, pela primeira vez, com clareza, a inanidade dos gozos faceis da vida vulgar e quanto lhe são preferiveis os gozos superiores da intelligencia, as cousas do mundo moral. Esta phase marcou definitivamente a orientação do meu espirito, acabou de formar o meu caracter e decidi da minha carreira futura. Datam de 1890 os meus primeiros escriptos apresentaveis. Nenhum aproveitei anterior a esta data, embora desde creança tivesse o habito de compôr pequenas historias e de manter um jornal onde dia a dia lançava as minhas impressões e analysava quanto via e quanto me succedia.

O problema que mais me tem preocupado – interessando-me eu, alias, por todos os grandes problemas que ocupam a humanidade – é o problema da situação da mulher perante a sociedade e perante a lei e o conflicto dos sexos. A mulher precisa emancipar-se de tudo que a humilhe, de tudo que a não deixe expandir a sua individualidade, que a amesquinhe e lhe cerceie as liberdades e os privilegios a que todo o ser consciente tem direito. E para conseguir o intento não me parecem de muito bom gosto e de segura efficacia as reivindicações apaixonadas e ruidosas. Considero o estudo, a leitura bem norteada, a seria disciplina moral, o melhor bem para a mulher e o caminho mais seguro para a sua completa emancipação. A ignorancia, a frivolidade, a ociosidade, e os devaneios e as percepções aladas que ellas alimentam, são os peiores males que affligem o nosso sexo.

Enquanto d'ellas se não souber libertar – e o nosso meio portuguez é tão acanhado e ainda tão refractario a qualquer iniciativa proveitosa nesse sentido! – nenhum resultado serio teram quaesquer esforços isolados das partidarias do feminismo. Nunca, nos meus livros, abordei directamente estas questões; tenho mesmo evitado a propaganda activa de certas ideas avançadas, por julgal-a extemporanea no meu pais, e porque me desagrada, em principio, o feminismo militante e palavroso. Para o bom exito da evolução que, estou certa, hade fazer-se, n'um periodo mais ou menos longo, valem mais os exemplos do que as phrases, a propria conducta do que a exposição de doutrinas. –

Se V. Ex^a entender não serem ainda sufficientes estas explicações, estou sempre ao seu dispôr e com todo o gosto responderei a quanto lhe seja necessario saber.

Acceite V. Ex^a os meus cumprimentos e os protestos da minha subida consideração e m^{ta} admiração

Claudia de Campos

Casa de V. Ex^a – Avenida da Liberdade – 212 – Agosto 21/1901

Ms. CMV 1
202

CLAUDIA DE CAMPOS

Querida Luísa



Foi V. Ex^a muito amável, na carta que me
dirijiu. E precisei imenso a sua opinião
sobre o meu livro "Palmeira-Mãe", porque
ella é franca e perfeitamente imparcial.
E agradeço-lhe, capitão, o juizo critico que
V. Ex^a formou, não reparando eojim nelle
os seus mercedos, moderassem elle a pouco
moderassem, nem tão pouco preparando
conservar aquillo que ao seu espirito não apre-
tem n'elle parecer menos bem. E em uni-
to reconheço a prova de franqueza e de
haldade que V. Ex^a acubra de dar-me, e que é
tambem prova do seu talento superior e do
seu caracter elevado.
Mas volteem a questão Palmeira-Mãe.
Creusa-me V. Ex^a de não ser feito um

retrato mais completo de Madame de Staël;
de não ler poro, mais um froo az suas grandes
qualidades, mais um sommo az suas grandes
defeitos. cumpre, de não ler accusado, nem por
o seu poff como escipson. Teria V. Ex. razão,
se o meu proposito fosse escrever um mono-
graphia da cella talmey. Mas não é esse o
alcançe do meu tratado. O meu livro é um
livro de polemica, que se não escreve a frio, ni
uma razão; um livro para desfazer uma
a uma todas az inencheveis phantasias, com
az quaes a Sr. D. Maria e Maria Che
aproveu ompir do meu caben. o episodio
de Madame de Staël e de nosso digne, e que
Lão applaudidas foram por quem "côteria".
Cumpre o meu intento? Cumpre, e é V. Ex.
a rainha a compensa com que mais sim-

peridade. o meu trabalho, attingir o seu fim
e, sob esse ponto de vista, portanto - e é só nesse
sentido que a crítica deve considerar - está bem,
compromisso os meus esforços e a minha aplicação.
Como já diz, neste caso, ser benevolência com
o meu de Maiz, segundo V. Ex.^a deseja, e
em especialmente precisa que em a apresentação
depois de falzar impoer e apoiado do pediat,
para a pôr em frente de Maiz intencado de
Maiz de Vinda do Duque de Palmeira, e de
comprometo tirar as precisas indicações para as
conclusões finais dos meus raciocínios? Não
trabalho de o meu de Maiz criticador, porque
não em si aquelle lugar apresento uma opção
litteraria, que iria de facto o argumento princi-
pal e, por consequente, tirar força ao argu-
mentos, mas apenas de o meu de Maiz mul-
her. E não foi injusta com ella, como

V. Ex^a pretende, por aqui, não justa quanto em
permissão a peça especial do meu trabalho, e
sempre zineira, como em tudo que escrevo.
O estudo a obra inteira de barney, vive a paciência
de ler toda esta obra, hoje não satisfaz, mesmo
os mais magradores dos seus caracteres políticos,
mesmo os mais insignificantes dos seus de
meio de adoração. Pode obter todos os
meios, de diversas e repurar fontes, e com estes
elementos, por mim analisados e comparados,
é que eu compreendi a obra que apresento, e que,
sob o ponto de vista que a coloco, é
verdadeira, embora V. Ex^a seja o contrário.
Por de parte letras brancas e letras negras, e
cria de si, por mim mesma, a individualidade
de mulheres, não deixando, nem as de leve, na
escriptura, que nenhuma mulher do que eu conheço
e admira, em toda a sua vasta e completa
intelligencia, e dessa admiração V. Ex^a encen

Não tracei esparado no meu livro, a que,
 talvez, n'um primeiro tempo não pertence
 a mesma. Espanta-me V. Ex.^a Louise-Benoit e
 os seus elyza hypertopias, não idênticas de inferno,
 mas não sabe, de certo, que o mesmo Louise-Benoit,
 ao indagar-se com os duques de Baylie, definiu
 um n'um gausar de litterator seu, e o de
 Baylie se fizesse um livro, acabaria com a
 Hail de Leuda e repararia a verdadeira Hail,
 que elle entendeu como um livro e que seria
 parecido com a do meu livro - in fine. Cita-
 me ainda V. Ex.^a o perfil traçado por lady
 Blumentassel. O trabalho desta senhora, aliar
 muito, bem feito, é quasi um hymno. Ha
 uma qualidade de mulher de letras e de
 afeição, lady Blumentassel não se imporia
 de um nome de Hail se não com a
 escriptura, com a incisão, com a invenção

Sal aueror de Mellerauda. É a obra que lhe
emprego é uma homenagem e um agradecimento
do reconhecimento a aueror de Coriun. Pela
sympathia que lhe impõem o seu país, pela
compreensão que d'elle teve, pela apolgia que
d'elle fez e pelo seu am que o revelou a
francesa inteira. É a aueror de Coriun o
espírito domestico que edificou, ficam em
seu plano, abradu, seu commentario, e
meias linhas. Na isto não pôde em fazer, porque
em entre a propria indole do meu livro. É
com os meus sentimentos de que illustria
comparativa apreci V. V. a V. V. e Coriun
seu razão - como em seu. Toda as Coriun são
polyédricas. Há podendo o mesmo obra abraner
ao mesmo tempo as multiplos fact de cada
objeto, ficam melhor aquella que o Coriun
na paz em fronte - e os Coriun intellectuales

ali nunca (graças não se não era. El face
de m^{me} de Staif. que me foi necessário exami-
nar despidamente, para a referencia que presi-
zar fazer e que, portanto, credeci e fizei de
propriedade de m^{me}, sendo a meu favore-
cido, não deixo por isso de ser verdadeira.
Como o não a que V. Rev^{ta} viu assim e a que Lady
Blumenbach descreve. El monographen refere
seria aquella que Combinação quodammodo facei
as p^{tes}, separadas, formam verdades relativas,
e que, reunidas, geriam a expressão de verdade
absoluta. Claria, e só assim, - e não pelo
p^{tes} de Sainte - Beuve m de Lady Blumen-
bach - suporia a individualidade completa
e final de description e da mulher. Mas, quem
suprescendia jamais esta historia, que está
ainda por fazer, apesar de tudo, quanto se
que creio - a respeito?

Madame de Staif, como mulher - já n'imp^o
trabalho anterior e que V. Rev^{ta} agora vai conhecer

o disse - e' austeridade, e' austeridade, e
de consunção mais do que equivoque. Para mim
não ha inferioridade, por poderosa que seja, que
faca de tudo e mesmo estas coisas e que se queira
e abster por completo estas coisas. E' preciso
que não posso classificar de grande honra, por
um homem superior e mesmo por um homem
obscuro mas de caráter, estrar a laudável
na familiaridade dos amigos de grande honra
e se já não esta honra nem gloria se amado,
em companhia de grande honra, pela ilustre
escritura, menor honra e menor gloria ache-
ando, por um homem superior - ou por
qualquer outro homem - ser enfeitado ridicula-
mente, como Corina andando enfeitado -
depois de Palmella o qual, felizmente por
elle, tinha menor tola vaidade e maior
respeito do que a S. D. Maria e qual
lha attribue.

Ms. e. MV 2/302



Seu Rodin, diz V. Rev. ser mais caritativo, mais
caridade e mais, enfim, de legar, e, em todo o caso, cariti-
vamente e mais ainda - e grave. Que he de mais de mais he
perdoar e a sacrificar um pouco as suas impressões
mas por tanta parte sacrificam ao seu espirito, mordente,
e que para isso se "tira-mote" de uso, a barreira
fui somente o pretexto para se exprimir em publico
uma pessoa de se exprimir. E a hospitalidade de
Sr. D. Maria Theresia para com o Sr. Rodin he
grande, desde os seus primeiros passos e as ultimas,
tanta em que se exprime me seu modo, seu
lado e seu, que se não podia estar-me todo o dia.
E a minha desgracia foi ser em todo o mundo, com
V. Rev. pode descrever - e mais he de mais improprio.
Fico esperando, com o maior interesse, o livro de
V. Rev. me annunciou. Effeitos muito de trabalho
e muito, heo e muito, heo e muito. São preci-
zos porque heo de utilidade universal, e em mais
chances, no caso mais portuguez, ninguém mais

Empreinte par exemple. Admis universelle
a reception culture de son belle intelligence,
e creation. me que V. En passage, en ce, de
Shelley, que de faire une de ses compositions
particuliers "the cloud", "the skylark" e "West-wind", e me
parant de de que l'on en a pas de une étude.
que apprendre en ce apres. En ce en passage
vingt, de ce, apres - a grande littérature
nigle, e que me faire de même, par une
les poésies de Keats, de Keats, de Keats
Browning, une de ses mains admirables
feminines. e me me a biographie d'elle que
l'unique en ce en publiant de Shelley. e V. e
me, en ce, en ce. En ce de ce appelle
caractère admirable, appelle en ce en ce,
appelle de ce en ce intellect. Inferior a Keats
quois, a Browning e - the superior en ce en ce.
Aqui, e complète a harmonie entre e en ce
a son de, en ce o ce physique, o ce moral e

ser intelectual. E eu quero tanto em harmonia
com! Veja V. Ex^a, o desajuste de Camus e a sua
vida, o caráter, as aspirações e as ideias de Dante
Gabriel Rossetti, fazem com que eu tenha a
grande entusiasmo pela sua obra. Não esqueça
seu marido com sempre exist, como mulher, como
escritora, quem tem todas as minhas possibilidades
e não me parece de saber o seu dois livros mais
novos, o que não morreu: Mill in the Flow e
Eden Bede. V. Ex^a pode com certeza falar de
exist, que tanto em vida por que, que tanto admi-
ram a essência, o seu idealismo, a sua ciência,
a sua literatura.

Como V. Ex^a quer fazer-me a honra de ler os
meus livros e permitir-me participar a curio-
sidade de conhecer o, oferece-me hoje Women
e o artigo sobre sua existência. Depois, mande-me
seu Empire, Life e Ultimo. Não vou

Quero lembrar, para que, já agora, V. seja free
primario o seu conceito de mim como crítico,
mas que por um trabalho de crítica começei
a entender-me, antes de me avaliar como roman-
ceira. Sou bastante valioso à beleza poética, mas
não lhe dou valor exagerado. O que penso sobre o
argumento mencionado V. seja exposto nas páginas
114 a 119 e 146 a 152 do ensaio sobre o conto de Brontë.

Accede V. seja o meu reconhecimento, e
peço-lhe que envie ao meu admirador
seu um amigo - sympathia e um amigo
retribua consideração pelo bello trabalho que
distingue

Cláudio de Campos

Casa de V. Araújo - Avenida da Liberdade 212 -
Lisboa, 19 de Setembro de 1901.



Transcrição:

Ex^{ma} Snr^a

Foi V. Ex^a muito amavel, na carta que me dirigiu. Apreciei immenso a sua opinião sobre o meu livro “Palmela-Staël”, porque ella é franca e perfeitamente imparcial. Agradeço-lhe, captivada, o juizo critico que V. Ex^a formolou, não regateando elogios onde os sentiu merecidos, molestassem elles a quem molestassem, nem tão pouco poupando censuras àquillo que ao seu espirito não agradou ou lhe pareceu menos bem. Estou muito reconhecida à prova de franqueza e de lealdade que V. Ex^a acaba de dar-me, e que é tambem prova do seu talento superior e do seu character elevado.

Mas voltemos à questão Palmela-Staël. Accusa-me V. Ex^a de não ter feito um retrato mais completo de Madame de Staël; de não ter posto mais em foco as suas grandes qualidades, mais na sombra os seus grandes defeitos; emfim, de não ter accentuado melhor o seu perfil como escriptora. Teria V. Ex^a razão se o meu proposito fosse escrever uma monographia da celebre baroneza. Mas não é esse o alcance do meu trabalho. O meu livro é um livro de polemica, que se não escreve a frio, minha senhora; um livro para desfazer uma a uma todas as inconcebiveis phantasias com as quaes a Snr^a D. Maria Amalia lhe approuve compôr da sua cabeça o episodio de Madame de Staël e do nosso duque, e que tão applaudidas foram pela sua “côterie”. Consegui o meu intento? Consegui, e é V. Ex^a a primeira a confessal-o com a maior sinceridade. O meu trabalho attingiu o seu fito e, sob esse ponto de vista, portanto – e é só nesse sentido que a critica deve consideral-o – está bem, compensam os meus esforços e a minha applicação. Como podia, neste caso, ter benevolencias com M^{me} de Staël, segundo V. Ex^a desejava, se era exactamente preciso que eu a apresentasse despida de falsos ouropeis e apejada do pedestal, para a pôr em frente da Staël inventada, da Staël da Vida do Duque de Palmela, e desse confronto tirar as precisas illações para as conclusões finaes dos meus raciocinios? Não tratei de M^{me} de Staël escriptora, porque não era n’aquelle logar opportuno um estudo litterario, que iria diluir o assumpto principal e, por conseguinte, tirar força aos argumentos, mas apenas de M^{me} de Staël mulher. E não fui injusta com ella, como V. Ex^a pretende, fui até tão justa quanto m’o permitia a feição especial do meu trabalho, e sempre sincera, como em tudo que escrevo.

Possuo a obra inteira da baroneza, tive a paciencia de ler toda essa obra, hoje tão fatigante, mesmo os mais massadores dos seus escriptos politicos, mesmo os mais insignificantes dos seus devaneios de adolescente. Pude obter bastos documentos, de diversas e seguras fontes, e com estes elementos, por mim analysados e comparados, é que eu construi a Staël que apresento, e que, sob o ponto de vista em que a colloquei, é verdadeira, embora V. Ex^a creia o contrario. Pus de parte lendas brancas e lendas negras, e ergui de pé, por mim mesma, a individualidade da mulher, não desfazendo, nem ao de leve, na escriptora, que ninguem melhor do que eu conhece e admira, em toda a sua vasta e complexa intelligencia, e dessa admiração V. Ex^a encontrará traços espalhados no meu livro, a que, talvez, n’uma primeira leitura, não prestasse attenção. Aponta-me V. Ex^a Sainte-Beuve e os seus elogios hyperbolicos, não isentos de interesse, mas não sabe, decerto, que o mesmo Sainte-Beuve, ao indispor-se com os duques de Brylie, declarou n’um jantar de litteratos que, se os de Brylie se fizessem finos, acabaria com a Staël da lenda e retrataria a verdadeira Staël, que elle conheceu como ninguem e que seria parecida com a do meu livro – ou peor. Cita-me ainda V. Ex^a o perfil traçado por Lady Blennerhassett. O trabalho desta senhora, aliás muito bem feito, é quasi um hymno. Na sua qualidade de mulher de letras e de allemã, Lady Blennerhassett não se importa de veras em M^{me} de Staël se não com a escriptora, com a iniciadora, com a immortal autora da Allemanha. E a obra que lhe consagrou é uma saudação e um agradecimento

reconhecido à auctora de Corinna, pela sympathia que lhe inspirou o seu paiz, pela comprehensão que d'elle teve, pela apologia que d'elle fez e pelo genio com que o revelou á França inteira. As aventuras desgraçadas, os episodios domesticos pouco edificantes, ficam em terceiro plano, adoçados, sem commentarios, a meias tintas. Ora isto não podia eu fazer, porque era contra a propria indole do meu livro. E com os mesmos sentimentos da sua illustre compatriota aprecia V. Ex^a a Staël. Ambas teem razão – como eu tenho. Todas as cousas são polyédricas. Não podendo o nosso olhar abranger ao mesmo tempo as multiplas faces de cada objecto, fixamos melhor aquella que o accaso nos poe em frente – e os myopes intellectuaes até nunca logram vêr se não essa. A face de M^{me} de Staël, que me foi necessario examinar detidamente, para a refutação que precisava fazer, e que, portanto, escolhi e fitei de preferencia às outras, sendo a menos favorecida, não deixa por isso de ser verdadeira, como o são a que V. Ex^a imagina e a que Lady Blennerhasset descreve. A monographia perfeita, seria aquella que combinasse todas estas faces, as quaes, separadas, formam verdades relativas, e que, reunidas, seriam a expressão da verdade absoluta. Assim, e só assim, – e não pelos processos de Sainte-Beuve ou de Lady Blennerhasset – surgiria a individualidade completa e final da escriptora e da mulher. Mas, quem emprehenderá jamais essa historia, que está ainda por fazer, apesar de tudo quanto se tem escripto a tal respeito?

Madame de Staël, como mulher – já n'outro trabalho anterior e que V. Ex^a agora vai conhecer o disse – é antipathica, é anti-feminina, e de costumes mais do que equívocos. Para mim, não ha intelligencia, por poderosa que seja, que faça de todo esquecer certas cousas e que explique e absolva por completo certos actos. É por isso que não posso classificar de grande honra, para um homem superior, e mesmo para um homem obscuro mas de character, entrar na lamentavel promiscuidade dos amores de M^{me} de Staël. E se já não acho honra nem gloria ser amado, em companhia de tantos outros, pela illustre escriptora, menos honra e menos gloria acho ainda, para um homem superior – ou para qualquer outro homem – ser enganado ridiculamente, como Corinna andava enganando o Duque de Palmela o qual, felizmente para elle, tinha menos tola vaidade e maior perspicacia do que a S. D. Maria Amalia lhe attribue.

Eu podia, diz V. Ex^a, ser mais caritativa, mas a caridade estava, então, deslocada, e, em todo o caso, calei muita cousa ainda – e grave. Que M^{me} de Staël me perdõe se a sacrifiquei um pouco aos meus interesses, ella que tanta gente sacrificou ao seu espirito mordente, à sua paixão pelos “bons-mots”. De resto, a baroneza foi somente o pretexto para eu esgrimir em publico com quem desejava esgrimir. A hostilidade da Sn^{ra} D. Maria Amalia para commigo tem sido tão grande, desde os meus primeiros passos nas lettras; tanta vez nos seus escriptos me tem visado, provocado e ferido, que eu não podia calar-me toda a vida. A minha desforra foi leal em todo o sentido, como V. Ex^a pode verificar – creio não ter sido improficua.

Fico esperando, com o maior interesse, o livro que V. Ex^a me anuncia. Aprecio muito os trabalhos eruditos, bem estudados, bem documentados. São precisos porque são de utilidade universal, e eu não conheço, no nosso meio portuguez, ninguem mais competente para escrevel-os. Admiro muitissimo a excepcional cultura da sua bella intelligencia, e encantou-me que V. Ex^a gostasse, como eu, de Shelley, que destacasse entre as suas composições poeticas, “The Cloud”, “The Skylark” e “West-Wind”, a incomparavel ode de que transcrevo trechos no meu estudo; que apreciasse como eu aprecio – como em Portugal ninguem, decerto, aprecia – a grande litteratura ingleza, e que me falasse dos nomes, para mim tão familiares, de Swinburne, de Eliot, de Elisabeth Browning, uma das minhas maiores admirações femininas. É mesmo a biographia d'ella que tenciono escrever, em publicando a de Shelley. E V. Ex^a verá, então, como eu a trato, como descrevo aquelle character admiravel, aquelle coração apaixonado, aquelle delicadissimo intellecto. Inferior à Staël como genio, a Browning é-lhe superior em tudo mais. Aqui, é

completa a harmonia entre a auctora e a sua obra, entre o ser physico, o ser moral e o ser intellectual. E eu prezo tanto essa harmonia rara! Veja V. Ex^a. o desaccordo lamentavel entre a vida, o character, as aspirações e os ideaes de Dante Gabriel Rossetti, fazem com que eu sinta até pouco enthusiasmo pela sua obra. Não sympathiso muito com George Eliot, como mulher; como escriptora, porem, tem todas as minhas predilecções e não me canço de reler os seus dois livros magistraes, os que não morrem: Mill on the Floss e Adam Bede. V. Ex^a hade com certeza gostar de Eliot, que tanta erudição possuia, que tanto admirou a Allemanha, o seu idealismo, a sua sciencia, a sua litteratura.

Como V. Ex^a quer fazer-me a honra de ler os meus livros, e gentilmente me participa a curiosidade de conhecel-os, offereço-lhe hoje Mulheres e o artigo sobre Soror Marianna. Depois, mandar-lhe-hei Esphinge, Elle e Ultimo Amor. Não vão todos juntos, para que, já agora, V. Ex^a faça primeiro o seu conceito de mim como critica, visto que por um trabalho de critica começou a conhecer-me, antes de me avaliar como romancista. Dou bastante valor á belleza feminina, mas não lhe dou valor exaggerado. O que penso sobre o assumpto encontrará V. Ex^a exposto nas paginas 77 a 79 e 146 a 152 do ensaio sobre Carlota Brontë.

Acceite V. Ex^a os meus cumprimentos, e peço-lhe que creia na minha admiração sincera, na minha sympathia e na minha subida consideração pelos bellos dotes que a distinguem

Claudia de Campos

Casa de V. Ex^a – Avenida da Liberdade 212 –
Lisboa, 19 de Setembro de 1901.